

CORPO E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO:

A VISÃO DOS ALUNOS¹

GRAD. NAIANA THAÍSSA MENEZES COSTA

Programa de Pós-graduação em Educação Física, Escola de Educação Física e Desportos,
Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro - Rio de Janeiro - Brasil)

E-mail: na13educfisica@yahoo.com.br

MS. ALAN CAMARGO SILVA

Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva, Instituto de Estudos em Saúde Coletiva,
Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro - Rio de Janeiro - Brasil)

E-mail: alan10@zipmail.com.br

RESUMO

O estudo objetivou verificar de que modo assuntos relacionados a corpo são abordados por professores de Educação Física junto aos alunos do ensino médio e, até que ponto a estética corporal é uma preocupação destes alunos. 51 estudantes participaram da pesquisa e a coleta dos dados foi realizada por meio de questionários. Os dados revelaram demasiada importância dada ao corpo em seu aspecto puramente biológico e estético e, carência de discussões a respeito destes e outros assuntos por parte dos professores de Educação Física. Estas questões são demanda da sociedade contemporânea, e, portanto, seria importante que os docentes abrissem espaço para problematizá-las fomentando, assim, o pensamento crítico de seus alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo humano; Educação Física; adolescentes; Ensino Fundamental e Médio.

1. Este trabalho faz parte de uma dissertação de Mestrado em Educação Física, em andamento no âmbito da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EEFD-UFRJ), sob orientação da Prof^a. Dr^a. Sílvia M. Agatti Lüdorf.

INTRODUÇÃO

Compreender o corpo em seu aspecto puramente biológico, fora do contexto sociocultural, é remeter-se a uma análise reducionista. Sabe-se que para além dos aspectos anatomofisiológicos, há inúmeros discursos imperativos de como ter um corpo atlético, musculoso, competitivo, habilidoso etc. Lüdorf, ao basear-se no conceito de corpo rascunho de Le Breton (2003) e salientar que “como rascunho, o corpo seria uma estrutura modular, cujas peças podem ser substituídas, redesenhadas, conforme os anseios do indivíduo, na tentativa de ser constantemente retificado e corrigido” (2009, p. 100), corrobora a visão de que o homem e seu corpo estão desconectados entre si; o corpo como objeto biológico passa a ser (re)modelado pelo sujeito.

Há uma crescente idolatria e importância dada ao corpo na sociedade contemporânea, tal como este fosse o maior trunfo do homem (GONÇALVES; AZEVEDO, 2008, p. 124). Le Breton (2004, p. 07) ressalta a este respeito:

Nas nossas sociedades o corpo tende a tornar-se uma matéria-prima a modelar segundo o ambiente do momento. É doravante, para um grande número de contemporâneos, um acessório da presença, um lugar de encenação de si próprio. A vontade de transformar o próprio corpo tornou-se um lugar-comum.

Deste modo, investigar questões relacionadas ao corpo nas mais diferenciadas instituições sociais se faz necessário. Sendo assim, a escola se torna um ambiente para a realização de tais problematizações, haja vista que possui a tarefa de conscientizar seus discentes de modo a serem críticos sobre os mais diversos assuntos que circundam a contemporaneidade, tal como os ideais de corpo. Atualmente, os jovens estão expostos a uma cultura da “corpolatria” e não escapam às preocupações com o corpo e sua forma, cada vez mais comuns na contemporaneidade. Desta maneira, investigar o corpo no contexto escolar e a partir do ponto de vista dos adolescentes, torna-se um campo extremamente profícuo.

Destarte, algumas questões serão exploradas no presente estudo: a) Como se construiu a relação atual do homem contemporâneo com seu corpo? b) Assuntos relacionados a corpo são abordados por professores de Educação Física junto aos alunos do ensino médio? Se sim, de que forma isto ocorre? c) Até que ponto a aparência corporal é uma preocupação destes alunos? d) De que forma isto influencia o cotidiano de suas vidas?

Entende-se que a relevância dessa pesquisa se consolida na medida em que ainda há uma série de possibilidades de análise sobre o corpo por diversos campos de saberes (LÜDORF, 2005). Em especial, baseando-se em Darido *et al.* (1999,

p. 139), não são muitos os trabalhos que exploram o âmbito de intervenção da Educação Física no ensino médio. Assim, o objetivo do presente estudo é verificar de que modo assuntos relacionados a corpo são abordados por professores de Educação Física junto aos alunos do ensino médio e, até que ponto a estética corporal especificamente é uma preocupação no cotidiano do corpo discente.

Antes do delineamento sobre o material empírico do presente estudo, o texto divide-se em duas seções: a primeira parte apresenta algumas questões que levaram a uma modificação de concepção de corpo até que se chegasse ao conceito quase hegemônico que impera na contemporaneidade, através do qual o homem vive uma relação dual com seu corpo, tal como este fosse um objeto à parte. Na segunda seção há uma problematização sobre a relação entre o corpo na contemporaneidade e a Educação Física escolar.

CORPO E CONTEMPORANEIDADE: ALGUNS APONTAMENTOS

Com a legitimação da classe burguesa durante o período do Renascimento, o homem passa gradativamente a não mais subordinar-se às imposições religiosas e, a incorporar-se aos novos ideais difundidos pelo pensamento capitalista. Existe um sentimento de liberdade vivenciado pelos homens de certas camadas sociais da época – como por exemplo, os homens da própria recém-formada classe burguesa. Este sentimento e a descoberta de ver-se enquanto *indivíduo* (e não mais como o simples membro de uma *comunidade*, como se acreditava até então), é bem expressado por Le Breton (2011, p. 69-70), ao sinalizar que “Com o sentimento novo de ser um indivíduo, de ser si mesmo, antes de ser o membro de uma comunidade, o corpo se torna a fronteira precisa que marca a diferença de um homem em relação a outro.”

A ligação do homem com seu corpo então, ganha um novo sentido – leia-se individual. Goellner (1997, p. 04-05) explicita bem a relação entre o corpo e o capitalismo:

[...] o modo de produção capitalista, ao se solidificar, transformou as relações humanas como também as relações do indivíduo com a sua corporeidade. O corpo humano gradativamente passou a ser encarado como útil ao capital, dado que sua força e resistência seriam o motor primeiro do sistema industrial; o instrumento pelo qual se concretizaria o trabalho produtivo.

Este mesmo homem do Renascimento, ao perceber o corpo como fonte geradora do trabalho necessário à implementação de um novo regime socioeconômico – o capitalismo – e, à sustentação das regalias características da classe social burguesa, dissocia-se de seu corpo quanto mais desenvolve sua noção de *indivíduo*.

A predominância do discurso que sustenta uma visão de corpo cindido do próprio homem leva as sociedades ocidentais, na contemporaneidade, a manter em sua grande maioria, uma relação distinta com este corpo. A ideia de um corpo separado do próprio homem (que o carrega) perpassa pelo pensamento de todas as camadas sociais. O conceito de *alter ego* utilizado por Le Breton (2011, p.247-248) explicita bem esta nova relação do homem com seu corpo:

O imaginário contemporâneo subordina o corpo à vontade, faz do primeiro um objeto privilegiado do âmbito da segunda. Quanto mais o sujeito se centra nele mesmo, mais seu corpo assume importância ao ponto de invadir o campo de suas preocupações e de situá-las em uma posição dual. [...] O corpo torna-se um duplo, um clone perfeito, um *ater ego*.

Os indivíduos adquirem hábitos e desenvolvem comportamentos com relação aos seus corpos, de modo a querer 'apresentá-los' cada vez melhor. Segundo Ortega e Zorzanelli (2010, p. 76), nas sociedades contemporâneas, desenvolveu-se uma equivalência entre a essência e a aparência, já que os atributos corporais tornaram-se a própria identidade a exibir o que somos, deixando de ser os guardiões de uma identidade interior. Assim, configura-se a necessidade pessoal (ou até mesmo, muitas vezes imposta), no que concerne à obediência às normas do modelo hegemônico de corpo. A este respeito Malysse (2007, p. 132) revela que:

O eu físico é cada vez menos considerado a base única de nossa relação com o mundo, tornando-se a problemática central de nossa relação com nosso próprio eu. Na busca de um corpo ideal, os indivíduos incorporam as imagens-norma dessa nova estética e se condenam a uma aparência que lhes escapa irremediavelmente.

Goldenberg e Ramos (2007, p. 25) corroboram esta ideia e ressaltam que devido a atual moral da "boa forma", a exposição do corpo exige dos sujeitos tanto o controle de suas pulsões como o (auto)controle de sua aparência física. Este corpo deixa então de ser pensado como forma viva e torna-se a grande obsessão da supervisibilidade contemporânea. (MALYSSE, 2007, p. 134).

A cultura contemporânea das sociedades ocidentais faz com que os sujeitos estejam a todo instante expostos aos olhares alheios. Todavia, este olhar escrutinador, à procura de algo que esteja fora dos padrões, faz-se um aliado, uma necessidade para que estes indivíduos sejam tomados pelo sentimento de existir. Ortega e Zorzanelli (2010, p. 64) afirmam que a construção das subjetividades dos homens contemporâneos depende também "da experiência de fazer-se visível a outrem." Nota-se que na contemporaneidade o corpo tem se mostrado como cenário onde se manifestam as diferentes atitudes tomadas pelos sujeitos na tentativa de encaixar-se dentro dos estereótipos sociais. Para Goldenberg (2007, p. 09):

Cada indivíduo é considerado responsável (e culpado) por sua juventude, beleza e saúde: só é feio quem quer e só envelhece quem não se cuida. Cada um deve buscar em si as imperfeições que podem (e devem!) ser corrigidas. O corpo torna-se, também, capital, cercado de enormes investimentos (de tempo, dinheiro, entre outros).

As transformações infundáveis às quais o homem submete seu corpo estão não somente atreladas a um desejo de seguir os padrões corporais valorizados pela sociedade, e assim, mostrar o seu melhor perante os olhos alheios, mas também, refletem uma não-aceitação pelo que o corpo mostra ser. Esta concepção fragmentada, que permite que o homem veja seu corpo como objeto de exposição de si, encontra fundamento no que Le Breton (2011) chama de dualismo moderno ou contemporâneo.

A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR FACE AO DISCURSO DO CORPO CONTEMPORÂNEO

Em tempos que, segundo Moreno, Polato e Machado (2006, p. 86), o indivíduo vale pela forma como se apresenta, qual seria o papel do professor de Educação Física diante dos estereótipos corporais construídos e propagados, uma vez que este profissional também absorve os discursos circulantes a respeito das demandas do corpo contemporâneo? Na posição de educador, de acordo com Lüdorf (2009, p. 107):

[...] criar oportunidades e propiciar condições para a discussão e crítica em torno dos padrões hegemônicos de corpo, com base na realidade dos próprios alunos, [...] podem ser alternativas interessantes para se questionar e, quem sabe, desenvolver mentalidades críticas em torno do macrodiscurso do poder da beleza e da aparência.

Faz-se necessário que o professor de Educação Física escolar consiga estabelecer, através de seu papel formador, reflexões sobre os tipos específicos de corpo. A atuação crítica do professor de Educação Física escolar é fundamental para a possível desconstrução (ou ao menos para a desnaturalização) dos estereótipos corporais da contemporaneidade. Em se tratando de professores que lidam com o ensino médio, aproximar-se dos discentes a fim de buscar conhecer suas dúvidas, angústias e interesses, é ainda mais delicado e necessário, uma vez que a adolescência simboliza uma fase de transição e de mudanças corporais. Russo (2005, p. 81) revela que cresce o número de pessoas acometidas por transtornos dismórficos corporais; a insatisfação corporal vem prevalecendo entre a população adolescente e juvenil.

O conteúdo das aulas de Educação Física pode incorporar questões ligadas ao corpo buscando problematizar os conhecimentos e vivências de seus alunos no que

tange ao atual cenário somático. Zibas (2005, p. 25) revela que o corpo docente de modo geral, tem “grande dificuldade de aproximar-se da cultura adolescente. Esse distanciamento afunila a cultura da escola, empobrece as trocas entre os sujeitos do mundo escolar e converte, muitas vezes, o conteúdo das disciplinas em elemento aversivo aos alunos.” Aproximar-se da trajetória social dos alunos no que diz respeito ao corpo, torna-se fundamental para uma intervenção capaz de potencializar o senso crítico destes jovens. Lüdorf (2009, p. 101) menciona justamente que “Afora as implicações culturais, o fenômeno da excessiva preocupação com a aparência do corpo pode envolver aspectos éticos e de saúde importantes, com os quais, muitas vezes, o professor de educação física deverá lidar.”

A inclusão de discussões que tratam o corpo em seu aspecto sociocultural pela Educação Física, é de certo modo, recente. Após algumas décadas, ainda hoje não contempla os currículos de todos os cursos de formação de professores da área. Isto pode explicar (em parte) a dificuldade que alguns docentes (mesmo os jovens) encontram em lidar com o corpo em um aspecto mais amplo, que ultrapasse seu lado essencialmente técnico-biológico. Daolio (1995, p. 09) explica o que foi para a Educação Física a incursão de debates à luz das ciências humanas.

Somente a partir da década de 1980, com o incremento do debate acadêmico na educação física, o predomínio biológico passou a ser questionado, realçando a questão sociocultural na educação física. Os profissionais formados até essa época - e, infelizmente, ainda hoje, em alguns cursos - não tiveram acesso à discussão da área e dos seus temas nas dimensões socioculturais.

Os cursos de graduação da área cada vez mais incorporam o referencial sociocultural para a intervenção do futuro professor de Educação Física, profissional este que assumirá perante a sociedade, o papel de formador (ou reproduzidor) de opinião (LÜDORF, 2005, p. 244). O trabalho crítico a respeito do corpo na cultura contemporânea pode ser incrementado na formação inicial, isto é, um debate sobre o corpo como uma construção sociocultural.

Cabe ao professor de Educação Física reconhecer que a sua prática pedagógica é apenas mais uma no campo de tantas outras “práticas educativas”. O papel da escola e, por consequência, dos professores de Educação Física, é auxiliar no processo de formação de sujeitos capazes de questionar a realidade.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo é do tipo qualitativo uma vez que se preocupa com os significados, representações e opiniões relacionadas a determinado fenômeno.

Segundo Bauer e Gaskell (2003, p. 70) “Em síntese, o objetivo da pesquisa qualitativa é apresentar uma amostra do espectro dos pontos de vista.”

A coleta de dados da pesquisa realizou-se em um colégio da rede particular da zona norte do Rio de Janeiro, no bairro do Méier – após apresentação de carta de autorização para tal, tanto à direção da instituição quanto aos professores de Educação Física da mesma.

Neste colégio, iniciou-se um processo de observação das aulas de Educação Física do ensino médio a fim de que os alunos pudessem acostumar-se com a presença da pesquisadora e ficassem um pouco mais à vontade para participar do estudo. Vale ressaltar que a pesquisa privilegiou unicamente a opinião do corpo discente na busca das respostas aos seus objetivos.

Posteriormente, os alunos dos 1º e 2º² anos do ensino médio foram convidados a participar do estudo. Dos alunos abordados, 51 participaram da pesquisa (sendo 30 meninas – 9 do 1º ano e 21 do 2º ano; e 21 meninos – 7 do 1º ano e 14 do 2º ano).

Para a coleta de dados, houve a aplicação de *questionários* com seis questões abertas, previamente validadas por especialistas. De acordo com Lüdorf (2004, p. 90), o questionário é um tipo de instrumento muito utilizado “quando se deseja atingir um maior número de pessoas, pois pode ser aplicado e analisado com maior rapidez.”

Os dados foram analisados com base na análise de conteúdo proposta por Turato (2003), baseada nos critérios de repetição e relevância. Buscou-se identificar categorias a partir das respostas dos alunos e agrupá-las de acordo com os significados que eram atribuídos às questões investigadas; neste caso, questões sobre: o significado de corpo para estes discentes, o modo como ocorrem as aulas de Educação Física no colégio, como temas relacionados a corpo são abordados pelos professores de Educação Física da instituição, a ocorrência de discussões sobre corpo entre colegas e, a satisfação destes discentes em relação a seus próprios corpos.

Vale destacar que foi entregue aos alunos participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, a fim de que fossem assinados por seus responsáveis, autorizando-os, desta forma, a participarem da pesquisa. A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Estudos de Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IESC/UFRJ) sob o parecer 09/2010.

2. Os alunos do 3º ano do ensino médio não foram abordados por não participarem das aulas de Educação Física neste colégio (são liberados devido ao vestibular), o que dificultou o contato com os mesmos, já que a coleta dos dados foi realizada nos horários das aulas da disciplina Educação Física.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Foi possível observar que ao serem questionados sobre o que seria corpo em suas opiniões, a grande maioria dos alunos respondeu de modo a possibilitar a construção de duas categorias principais a respeito desta questão. Os trechos abaixo exemplificam o significado da categoria corpo instrumento:

“É o que nos mantém de pé. Algo que tenhamos que cuidar e preservar para mantermos bem nossa saúde [...]” (2.14)³

“O corpo é algo que utilizo para realizar atividades necessárias para minha sobrevivência.” (2.20)

“Um peso de acordo com a altura. Pra mim são medidas equilibradas. Pouca barriga, um pouco de seio e bumbum.” (1.5)

“Um ‘lugar’ onde você tem que se sentir bem com você mesmo.” (2.11)

Esta categoria diz respeito ao corpo visto como o meio de alcançar um fim (saúde, autonomia, estética e bem-estar) ou como objeto a ser cuidado de modo geral. Interessante observar que das 30 meninas participantes, 19 consideraram o corpo como instrumento que possibilita o alcance da estética; enquanto apenas 2 dos 21 meninos consideraram o mesmo. De acordo com Goldenberg (2006, p. 123), os corpos femininos sentem o poder dos discursos da “boa forma” de modo mais brutal; o que pode explicar, até certo ponto, a grande prevalência de meninas que caracterizaram o corpo como meio de se obter uma aparência específica. Segundo a autora, no momento atual, onde há uma maior independência e liberdade femininas, há também, antagonicamente, um alto grau de controle em relação ao corpo e à aparência que se impõe à mulher brasileira.

A segunda categoria que emergiu da mesma questão, corpo biológico, pode ser exemplificada através dos trechos a seguir:

“É o funcionamento (conjunto) dos nossos organismos interiormente [...]” (1.4)

“Conjunto de membros, músculos, tecidos.” (1.3)

Esta categoria se configura pela compreensão de corpo apenas no sentido de um organismo, com funções internas e aparatos do tipo pele, músculos e membros superiores e inferiores. Compreender o corpo puramente por seu aspecto biológico

3. Identificação dos alunos pesquisados a fim de preservar seus nomes. Identificações iniciadas com o número 1, dizem respeito aos alunos do 1º ano do ensino médio. Identificações iniciadas com o número 2, referem-se aos alunos do 2º ano.

é justamente o que possibilita os inúmeros e incansáveis processos de “mutação” aos quais o homem contemporâneo o (ou se) submete.

Sobre a questão de como são as aulas de Educação Física no colégio, tanto os rapazes quanto as moças responderam, majoritariamente, que as aulas se dão através de práticas voltadas ao esporte, o que gerou a categoria aula esportiva.

“Cada período tem a pratica de um esporte diferente.” (1.7)

“São bem legais, com uma grande variedade de esportes incluindo até dança e ginástica e pesquisas de trabalhos relacionados a corpo.” (2.4)

“São aulas práticas, separado meninos das meninas, onde cada período é revezado os esportes e os ambientes como piscina e quadra.” (2.2)

“São aulas descontraídas que levam os alunos a interagir e exercitar o nosso corpo com muita alegria e prazer, para que sejamos mais saudáveis.” (2.8)

Esta categoria diz respeito ao tipo de aula que existe (aulas práticas), contudo, abarca algumas subcategorias com base nas nuances ressaltadas pelos discentes: aula prática (refere-se aos esportes e outras atividades corporais trabalhadas durante as aulas), prática com discussão extra (os alunos ressaltam a existência de debates gerais e trabalhos sobre o corpo), prática com separação dos sexos (os discentes expõem o fato das aulas ocorrerem separadamente entre meninos e meninas) e, prática voltada para a saúde (alguns alunos consideram as aulas como fonte de geração de uma vida mais saudável).

Observa-se assim, a ênfase esportiva dada às aulas de Educação Física por parte dos professores. Beggiano e Silva (2007, p. 31) ressaltam que a tarefa da Educação Física enquanto componente curricular da educação básica é “introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento [...]”, o que está para além dos conhecimentos esportivos. Os mesmos autores defendem que apesar do potencial educativo dos jogos, sua ênfase ou até mesmo exclusividade dentro do ambiente escolar deve ser observada de forma crítica.

Também foi investigado se os alunos já tiveram a oportunidade de discutir sobre assuntos relacionados a corpo com os professores de Educação Física, haja vista os objetivos do estudo. Surpreendentemente, 27 dos alunos responderam que nunca conversaram sobre corpo com os professores. No entanto, 19 alunos comentaram que já tiveram a oportunidade de discutir sobre corpo em trabalhos passados pelos professores de Educação Física, o que originou a categoria trabalhos de temas gerais.

"Sim, existem trabalhos ligados à saúde, a adolescência, ao esporte e ao corpo em um período, onde são temas escolhidos pelo professor e o aluno deve apresentar em grupos, onde os temas variam entre: gravidez na adolescência; obesidade; drogas; bullying; dietas radicais." (1.1)

"Sim. Quase sempre a professora fala sobre o corpo, e fizemos trabalhos sobre drogas, anabolizantes, suplementos, etc e ela sempre comentava e complementava os trabalhos." (2.5)

Esta categoria abarca os diversos assuntos destacados pelos alunos sobre os temas dos trabalhos pedidos pelos professores. Os mesmos variavam entre: drogas, obesidade, anabolizantes etc. Entretanto, nenhum trabalho requisitado pelos docentes tinha por tema o atual culto ao corpo, a supervalorização da aparência ou, algum assunto similar.

Diante da variedade de assuntos referentes ao corpo na contemporaneidade, as aulas de Educação Física poderiam ser um momento de espaço aberto para a constante reflexão e problematização das mais diversas questões ligadas à corporeidade contemporânea, principalmente no que tange ao atual culto ao corpo. Ressalta-se que documentos nacionais defendem a abordagem de assuntos relacionados a corpo no ensino médio – principalmente as Orientações Curriculares Nacionais para o ensino médio (BRASIL, 2006) - e reforçam a necessidade do professor de Educação Física discutir acerca das questões corporais.

Por outro lado, ao responderem se conversam sobre assuntos ligados a corpo com seus colegas, apenas 10 dentre todos os alunos participantes responderam "não". Esta questão também levantou duas categorias de maior incidência. Sobre a categoria corpo ideal:

"Sim. Discutimos sobre academia e sobre exercícios que possam nos dar corpo." (2.15)

"Sim. Comento com minhas amigas que não gosto tanto do meu corpo; falo que poderia ter mais bunda e peito; e falo mal da minha barriga." (2.14)

"Sim, entre nossos colegas sempre rolam assuntos sobre quem é mais pesado, mais magro, mais forte etc." (2.1)

"Sim, conversamos sobre nossas evoluções depois que entramos na academia." (2.13)

A categoria simboliza o interesse dos alunos em continuar ou iniciar um processo de modificação do corpo, ("melhora" do mesmo) – principalmente através da academia de ginástica - além de dizer respeito àquilo que eles não gostam no corpo, suas atitudes para alcançar o corpo ideal, conversas sobre peso e sobre a mudança do corpo após iniciar academia. Soares e Fraga (2003, p. 87) defendem a ideia de que na contemporaneidade "A aparência externa tornou-se uma prega

subjetiva mais profunda, que potencializa o sujeito a exterminar em si mesmo todo o tipo de desvio que o desalinhe física e moralmente.”

Foi muito comum nos discursos destes adolescentes, a referência à prática de atividade física em academias, valorizando a forma que o corpo passou a ter, por exemplo, após o início da mesma – conforme aluno 2.13. Esta preocupação exacerbada com aquilo que se tem para *mostrar* ao outro é explicada por Goldenberg (2006, p. 118) como o fato de, atualmente, o corpo assumir importância maior do que as próprias roupas que se veste. Segundo a autora, o corpo é a verdadeira roupa; esta segunda é apenas um acessório cujo objetivo é valorizar e expor o primeiro.

No tocante à segunda categoria emergente – nutrição e suplementação:

“Sim, nós conversamos sobre corpos ideais, alimentos saudáveis, musculação, alimentos que ajudam a ter um melhor desempenho no esporte e na musculação e possibilidade saudável, sem intervenções cirúrgicas e alimentação radical para atingir o corpo idealizado.” (1.1)

“Sim, geralmente academia, os males das bombas e dos remédios para facilitar o ganho de massa muscular etc, anabolizantes em geral.” (2.2)

Conversas sobre alimentação saudável, dietas que contribuem para o alcance do tão desejado “corpo perfeito” e, substâncias que favoreçam o ganho de massa magra, foram as responsáveis pelo surgimento da categoria em questão. Le Breton (2011, p. 253) revela que:

A dietética, com efeito, é outra faceta dessa intervenção plástica em si, que conhece hoje um sucesso crescente a partir da multiplicação das revistas que difundem seus produtos: orientação da alimentação segundo os imperativos da “forma”, busca de uma racionalidade que modifica os dados simbólicos ligados à refeição, referências a novos valores através dos produtos “bio” etc.

Respondendo, por fim, sobre como se sentiam em relação ao próprio corpo, a maior parte dos discentes mostrou-se insatisfeita, o que gerou a categoria sentimento de insatisfação.

“Não estou satisfeita, acho que o ideal seria perder uns 8 quilos, pois sou baixa, e tenho um busto bastante grande, uma barriguinha, entre outras coisas.” (2.7)

“Não estou satisfeita, por isso faço academia, me acho um pouco gordinha.” (2.9)

“Bem. Só queria perder mais gordura localizada na barriga.” (2.1)

“Bem, em questão de saúde bem, mas fisicamente não.” (2.8)

“Quase satisfeito. Fazendo academia para melhorá-lo.” (2.12)

A categoria subdividiu-se em insatisfação total e insatisfação parcial. A insatisfação total corresponde à total insatisfação com o peso (seja querendo perder ou ganhar peso) e com regiões específicas do corpo, como por exemplo, abdome, glúteos e coxas. Na insatisfação parcial, os alunos comentam que se sentem bem, mas logo em seguida, apontam que poderia “ser melhor”. Relatam da vontade de malhar para “melhorar”, sentem-se bem com relação à saúde, mas não à estética corporal.

No entanto, foi interessante observar que esta insatisfação foi mais intensamente manifestada pelas moças do que pelos rapazes – o que novamente nos remete à afirmação de Goldenberg (2006) a respeito de uma maior pressão no que concerne ao corpo vivenciada pela população feminina. Das 30 alunas participantes, 27 mostraram-se insatisfeitas (total ou parcialmente) com seu corpo. Ao passo que dos 21 alunos participantes, apenas 9 relataram insatisfação corporal.

A mesma insatisfação (maioria entre o público feminino pesquisado) não foi observada no público masculino, gerando em contrapartida, a categoria sentimento de satisfação:

“Satisfeito, tenho índice de gordura baixo, IMC controlado.” (2.1)

“Satisfeito, sou um bodybuilding.” (2.7)

“Me sinto. As minas disseram que é bonito, e eu também gosto. Por ser atleta eu to sempre em forma.” (2.11)

Por sua vez, esta categoria reflete a demonstração de aceitação dos indivíduos pelo seu corpo da forma como ele está. Seja por serem magros (e por isso, se sentem saudáveis), por sentirem-se como *bodybuilders* ou porque as pessoas do sexo oposto elogiam seus corpos.

As diferenças existentes entre moças e rapazes no que diz respeito à insatisfação e satisfação corporal, revela a atenção que deve ser dada por parte dos professores de Educação Física com relação a estes aspectos no que concerne a questões de gênero.

A existência de um discurso hegemônico no que tange a características que devem ou não ser valorizadas quando atribuídas ao corpo, gera, segundo Daolio (1995, p. 24), um sem-fim de adjetivos impressos neste corpo, com os quais os professores de Educação Física, por extensão, também deverão lidar.

CONCLUSÃO

A partir dos dados coletados, observou-se a importância dada ao corpo no que se refere ao seu aspecto puramente biológico e estético e, a carência de

maiores debates a respeito destes e outros assuntos no que diz respeito ao atual culto ao corpo, por parte dos professores de Educação Física. Estas discussões são demanda da sociedade contemporânea, e, portanto, seria importante que os docentes abrissem espaço para problematizá-las, fomentando assim, o pensamento crítico de seus alunos.

É imperioso então, que os docentes de Educação Física atuem com maior sensibilidade para levantar as dúvidas e angústias de seus alunos no que tange ao corpo na contemporaneidade e seus desdobramentos, a fim de que a Educação Física assuma juntamente à instituição escolar e à sociedade em si, o papel que lhe cabe: o de formadora de sujeitos críticos e independentes com relação às opiniões que assumem diante dos mais diversos assuntos que, inevitavelmente, lhes cercam. Destarte, a sistematização destas discussões no ensino médio, poderiam fazer parte do planejamento da disciplina de Educação Física.

Novos estudos são sugeridos no sentido de verificação da opinião dos próprios docentes sobre a abordagem de questões referentes ao corpo contemporâneo em suas práticas e, também, a comparação de opiniões de alunos de diferentes segmentos escolares a respeito da estética corporal e a implicação da mesma em suas vidas.

Body and Scholar Physical Education on High School: the Students' View

ABSTRACT: The study aimed to verify how the body issues are discussed by Physical Education teachers with the high school students and the extent to which the esthetics is a concern of these students. 51 students participated of the research and the data collection was realized through questionnaires. The data revealed too much importance given to the body in its purely biological and esthetical aspect, and lack of discussions about these and other issues by the Physical Education teachers. These questions are demand of the contemporary society, and therefore would be important that teachers opened space to problematize them fostering thereby the critical thinking of theirs students.

KEYWORDS: Human Body; Physical Education; Adolescents; Education, Primary and Secondary.

Cuerpo y Educación Física escolar en la escuela secundaria: la visión de los alumnos

RESUMEN: El estudio tuvo como objetivo examinar como los asuntos relacionados al cuerpo son abordados por los profesores de educación física junto a los estudiantes de la secundaria, y

si la estética corporal es una preocupación de los estudiantes. 51 estudiantes participaron de la investigación y la recogida de datos se realizó a través de cuestionarios. Los datos revelaron demasiada importancia dada al cuerpo en su aspecto puramente biológico y estético, y la falta de discusiones sobre estos y otros temas por los profesores de Educación Física. Estas cuestiones son exigencias de la sociedad contemporánea, y por lo tanto, sería importante que los maestros abrieran espacio para las estudiar, fomentando así, el pensamiento crítico en sus estudiantes.

PALABRAS CLAVE: Cuerpo humano; educación física; adolescentes, educación primaria y secundaria.

REFERÊNCIAS

BAUER, M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

BEGGIATO, C. L.; SILVA, S. A. P. S. Educação Física Escolar no ciclo II do ensino fundamental: aspectos valorizados pelos alunos. *Motriz*, Rio Claro, v. 13, n.2 (Supl. 1), p. 29-35, Maio/Ago. 2007.

BRASIL, Secretaria de Educação Básica. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, 2006.

DAOLIO, J. Os significados do corpo na cultura e as implicações para a Educação Física. *Movimento*, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 24-28, jun, 1995.

DARIDO, S. C.; GALVÃO, Z.; FERREIRA, L. A.; FIORIN, G. Educação Física no ensino médio: reflexões e ações. *Motriz*, Rio Claro, v. 5, n. 2, p. 138-145, dez. 1999.

GOELLNER, S. V. Jean-Jacques Rousseau e a educação do corpo. *Lecturas Educación Física y Deportes*, Buenos Aires, v. 2, n. 8, p. 1-6, dez. 1997. Disponível em <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em 25.08.2011.

GOLDENBERG, M. O corpo como capital: para compreender a cultura brasileira. *Arquivos em Movimento*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 115-123, jul./dez. 2006.

_____. *Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GOLDENBERG, M; RAMOS, M. S. A civilização das formas: o corpo como valor. In: GOLDENBERG, M. (org.) *Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 19-40.

GONÇALVES, A. S.; AZEVEDO, A. A. O corpo na contemporaneidade: a educação física escolar pode ressignificá-lo? *Revista da Educação Física/UEM*, Maringá, v. 19, n. 1, p. 119-130, Jan./Mar., 2008.

LE BRETON, D. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 2003.

_____. *Sinais de identidade: tatuagens, piercings e outras marcas corporais*. 1 ed. Lisboa: Miosótis, 2004.

_____. *Antropologia do corpo e modernidade*. 4 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

LÜDORF, S. M. A. *Metodologia da pesquisa: do projeto à monografia*. Rio de Janeiro: Shape, 2004.

_____. A prática pedagógica do professor de Educação Física e o corpo de seus alunos: um estudo com professores universitários. *Pensar a Prática*, Goiânia, v.8, n.2, p.243-255, jul./dez. 2005.

_____. Corpo e formação de professores de educação física. *Interface, Comunicação, Saúde e Educação*, Botucatu, v. 13, n. 28, p. 99-110, jan./mar. 2009.

MALYSSE, S. Em busca dos (H)alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDENBERG, M. (org.) *Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 79-137.

MORENO, B. S.; POLATO, A. L.; MACHADO, A. A. O aluno e seu corpo nas aulas de educação física: apontamentos para uma reflexão sobre a vergonha e a mídia. *Movimento & Percepção*, São Paulo, v.6, n.8, p. 85-104, jan./jun. 2006.

ORTEGA, F.; ZORZANELLI, R. *Corpo em evidência: a ciência e a redefinição do humano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

RUSSO, R. Imagem corporal: construção através da cultura do belo. *Movimento & Percepção*, São Paulo, v.5, n.6, p. 80-90, Jan./Jun. 2005.

SOARES, C. L.; FRAGA, A. B. Pedagogia dos corpos retos: das morfologias disformes às carnes humanas alinhadas. *Pro-posições*, Campinas, v. 14, n. 2, p. 77-89, mai./ago. 2003.

TURATO, E. R. *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

ZIBAS, D. M. L. A reforma do ensino médio nos anos de 1990: o parto da montanha e as novas perspectivas. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 28, p. 24-37, jan / abr. 2005.

Recebido em: 7 abr. 2013
Aprovado em: 7 ago. 2013